

Aula 8

OS JESUÍTAS NA PERSPECTIVA DA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA

META

Demonstrar como foi abordada a história dos jesuítas pelos historiadores.

OBJETIVOS

Ao estudar esta lição, o aluno(a) deverá:
compreender qual foi o papel dos jesuítas na História de Sergipe.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das aulas 01 a 07.

Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: nesta aula, destacaremos, inicialmente, como os jesuítas foram vistos pela historiografia, pois seria como deixar um espaço em branco na História de Sergipe não mencionarmos a atuação dos jesuítas no território sergipano, antes de 1590. Eles chegaram aqui e empreenderam a ocupação do território sergipano, bem antes da chegada do colonizador criador de gado, dos soldados, dos funcionários públicos e da fundação da cidade de São Cristóvão, primeiro núcleo de povoamento depois da conquista de Sergipe por Cristóvão de Barros. Construíram igrejas, catequizaram os nossos primeiros habitantes e introjetaram símbolos e rituais cristãos no cotidiano dos nossos primeiros habitantes, desde o ano de 1575.



Convento São Francisco, na cidade de São Cristóvão (SE) atual. (Foto do arquivo pessoal do autor).

JESUÍTAS EM SERGIPE

Como as primeiras ações dos jesuítas foram vistas pela historiografia sergipana?

Desconhecemos alguma publicação de autores sergipanos voltada exclusivamente para compreensão das primeiras incursões dos jesuítas em Sergipe, no século XVI.

Eles aparecem em alguns trechos de livros manuais da História de Sergipe, aqueles tipos de publicações em que os autores mencionam vários períodos da história local, nas abordagens sobre a colonização de Sergipe. Nesses espaços, os jesuítas são identificados como importantes contribuidores para a civilização de Sergipe. O historiador Felisbello Freire, em História de Sergipe, é um deles.

Citaremos, ainda nesta aula, trechos do livro História de Sergipe, em que o autor destaca a presença dos primeiros jesuítas em Sergipe. Mas, antes vamos entender quem foi Freire. Para isso, reproduzimos parte do texto Uma introdução ao pensamento historiográfico de **Felisbello Freire** (1858-1916), do historiador **Francisco José Alves**, que o ajudará a compreender quem foi esse historiador.

Ver glossário no final da Aula

Felisbello Freire viveu numa época de significativas transformações da história brasileira em todos os níveis. Presenciou mudanças econômicas, sociais, políticas e intelectuais que marcaram o Brasil, da segunda metade do século 19. Na verdade, Felisbello Freire não foi um espectador, mas um participante ativo dessas mudanças, sobretudo as políticas e intelectuais. Foi militante histórico do republicanismo e, vitorioso o novo regime, veio a ser o primeiro governador republicano de Sergipe. Foi ministro do governo de Floriano Peixoto e deputado federal por Sergipe em várias legislaturas. Felisbello Freire foi, sobretudo, um homem de ciência. Médico de formação, nunca abandonou o seu background de cientista natural. Absorveu as idéias científicas reinantes de sua época. Incorporou o “bando de idéias novas” que mobilizava a inteligência brasileira daquele tempo.

Contrapondo-se ao romantismo e ao espiritualismo de um modo geral, surge no Brasil, dentre outros correntes de pensamento, o positivismo e o evolucionismo. Como atestam os historiadores, estes dois paradigmas marcaram a mentalidade dos brasileiros cultos da segunda metade do século XIX (ALVES, 1998, p. 91).

O texto anterior situa Freire como um eminente pesquisador, atento às novas idéias que circulavam no Brasil no final do século XIX e início do século XX.

Apreciemos, agora, alguns trechos do livro História de Sergipe, de Felisbello Freire, onde há registro das primeiras atividades dos jesuítas em Sergipe.



Gravura em metal, representando o batismo de indígenas. Philopono, 1621.

1) “Ao evangelho e não às armas; à paz e não à guerra, entregou-se à conquista da nossa capitania” (FREIRE, 1977, p. 00).

2) “As mais esperançosas probabilidades estavam realizadas para uma conquista pacífica, que traria para o seio da civilização, os habitantes desta circunscrição” (FREIRE, 1977, p. 00).

3) “...este processo de conquista ocasionaria benéficos resultados, porque tiraria da raça conquistada o terror e o receio que sempre nutria à respeito dos conquistadores; viriam desassombrados colaborar na grande obra da civilização, aliando-se, à raça conquistadora” (FREIRE, 1977, p. 00).

Freire destaca o uso do “evangelho da paz” pelos Jesuítas no processo de trazer os índios para a civilização. Percebe de forma positiva essa abordagem porque diminuiria a rejeição do “colonizado” ao “colonizador” e, em outras palavras, os primeiros habitantes aceitariam com menos violência a chegada do civilizador. A “paz” seria em nome da civilização, em favor do europeu e não do índio. E o “evangelho”, também.

Vejamos como outros pesquisadores atentaram para o trabalho dos jesuítas no início da colonização de Sergipe.

Os Jesuítas aparecem como “inteligentes pioneiros, penetradores dos sertões e semeadores da fé” no livro de História de Sergipe, de **Pires Wynne** (1970). Baseia-se essa e outras informações no texto Vida do primeiro apóstolo de Sergipe: padre Gaspar Lourenço, do Padre Aurélio Vasconcelos de Almeida (1954), publicado em comemoração aos cem anos da entrada do padre Lourenço na Companhia de Jesus. O texto desse sacerdote deverá ser apreciado, com mais acuidade, em outra lição. Necessitamos desse texto para compreendermos a trajetória de Lourenço quando chega ao Brasil e sua formação entre os jesuítas até o momento que chega às terras conhecidas hoje pelo nome de Sergipe.

Continuemos apresentando como as missões dos primeiros jesuítas foram vistas por outros autores da historiografia sergipana.

Felte Bezerra, em Etnias sergipanas (1984), quase nenhuma referência fez aos jesuítas. Quando se refere à etnia indígena, cita o “afã de aldeamento” dos jesuítas e diz discretamente que Lourenço e outros irmãos da companhia fizeram um empreendimento “dignificante e apostolar.” De igual forma, sutilmente aponta que “foram muitos os aldeamentos de bugres fundados e dirigidos pelos padres da Companhia de Jesus” (BEZERRA, 1984, p. 45).

Maria Thetis Nunes dedica um tópico à presença dos jesuítas no IX capítulo A Igreja na vida colonial sergipana, do livro Sergipe colonial II. Abaixo reproduzimos parte desse tópico:

Ver glossário no final da Aula

A presença da Companhia de Jesus em terras sergipanas remonta à primeira tentativa de sua colonização em 1575, realizada pelo Pe. Gaspar Lourenço “grande língua e entre eles muito afamado”, e o Irmão João Salônio. Buscavam os inacianos o controle das populações indígenas locais, ao fundarem as missões de São Tomé, seis léguas distantes do rio Real, Santo Inácio, 10 ou 12 léguas para o Norte, às margens do rio Vasa-Barris, provavelmente onde hoje se encontra a cidade de Itaporanga e São Paulo, “junto ao mar”, conseguindo a colaboração dos grandes caciques Serigi, Surubi e Aperipê. Nessas aldeias, aproveitando a numerosa população indígena, os jesuítas logo começaram a ensinar-lhe a doutrina “pela manhã, à tarde e à noite” (NUNES, 1996, p. 225-226).

A autora não saúda os jesuítas como “porta vozes da civilização” em Sergipe, como fizeram os autores Freire e Wynne. Narra em poucas linhas a ação dos inacianos nas aldeias dos “principais” (Serigi, Surubi e Aperipê), utilizando-se a Carta de Tolosa – que iremos apreciar posteriormente nas lições 12, 13 e 14 – e o texto já citado do padre Almeida.

Quem são esses jesuítas que chegaram a Sergipe? Por que eles vieram? O que defendiam? Antes de chegar a Sergipe, onde dedicaram seu trabalho?

São inúmeras as perguntas. Os primeiros passos dos jesuítas em Sergipe, catequizando os primeiros habitantes, ainda carecem de melhores reflexões por parte de nossos historiadores.

CONCLUSÃO

As primeiras visitas dos jesuítas a Sergipe foram vistas pelos historiadores como iniciativas apostólicas positivas e de grande importância para o processo de aculturação dos índios e de colonização do espaço geográfico. Há uma tendência de generalização entre os três historiadores estudados nesta aula.



RESUMO

Caro aluno ou querida aluna: como você pôde constatar, estamos alternando aulas mais alongadas e densas com outras mais “leves”. Isso não é por acaso. Há uma necessidade de que não se crie uma rotina enfadonha. Mas, constatamos que não podemos estudar a História de Sergipe sem uma análise da presença dos jesuítas no processo de colonização. Depois, verificamos como os historiadores falam dessa presença, mas, infelizmente, não houve ainda quem estudasse com profundidade o tema.



ATIVIDADES

Veja se no seu município, ou na sua cidade, há qualquer sinal da presença dos jesuítas e escreva a respeito, levantando dados históricos. Caso afirmativo, crie o seu blog e insira textos e fotos desse seu achado. Caso negativo, visite a cidade de Tomar do Geru (SE) e fotografe lá a igreja “construída” pelos jesuítas ou construções de outras localidades do nosso Estado onde eles estiveram catequizando os índios. Seu professor tutor o ajudará nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AZZI, Riolando. **Razão e fé: o discurso da dominação colonial**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. **A terra dos brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596)**. São Paulo: Anna Blume, 2000.
- ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. Vida do Primeiro Apóstolo de Sergipe: Gaspar Lourenço. **Revista do IHGSE**, v. 16, n. 21, 1951-1954, p. 113-225.
- ALVES, Francisco José. Introdução ao pensamento historiográfico de Felisbello Freire (1858-1916). **Tomo**. Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da UFS, São Cristovão, n. 01, p. 89-102, jun. 1998.
- _____. **A marcha da civilização: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire**. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BEZERRA, Felte. **Etnias sergipanas**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1984.
- BRESCIANÍ, Carlos. (ORG). **Companhia de Jesus: 450 anos a serviço do povo brasileiro**. São Paulo: Edições Loyolas, 1999
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DELUMEAU, Jean. **De religiões e de homens**. São Paulo: Loyola, 2000.
- FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2 ed., Petrópolis: Vozes/Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977
- KEMPIS, Tomás. **Imitação de Cristo**. Texto Integral. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- KOPK, Glória. **Os vivos e os mortos na América portuguesa: da antropofagia à água do batismo**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

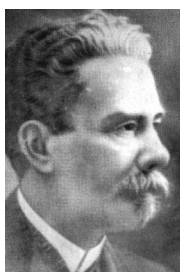
NUNES, Maria Thetis. **Sergipe colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. Trad. Domingos Armando Donida. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos; Bauru/SP: EDUSC, 2004.

WRIGHT, Jonathan. **Os jesuítas: missões, mitos e histórias**. Trad. Andrea Rocha. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

WYNNE, Pires. **História de Sergipe (1575-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970.

GLÓSSARIO



Felisbello Freire: Médico e historiador sergipano (1858-1916). Foi Governador de Sergipe (1889) e escreveu História de Sergipe (1881).



Francisco José Alves: Historiador e antropólogo baiano (1957). Professor do Departamento de História da UFS. Escreveu A marcha da civilização: a escrita da história em Felisbello Freyre (1998).



Pires Wynne: Jornalista e poeta sergipano (1905-1974). Membro-fundador da Academia Sergipana de Letras (1929). Autor de História de Sergipe (1972).



Felte Bezerra: Antropólogo sergipano (1909-1990). Através do estudo dos componentes étnicos, esboçou a formação social sergipana. Autor de Etnias Sergipanas (1951).